

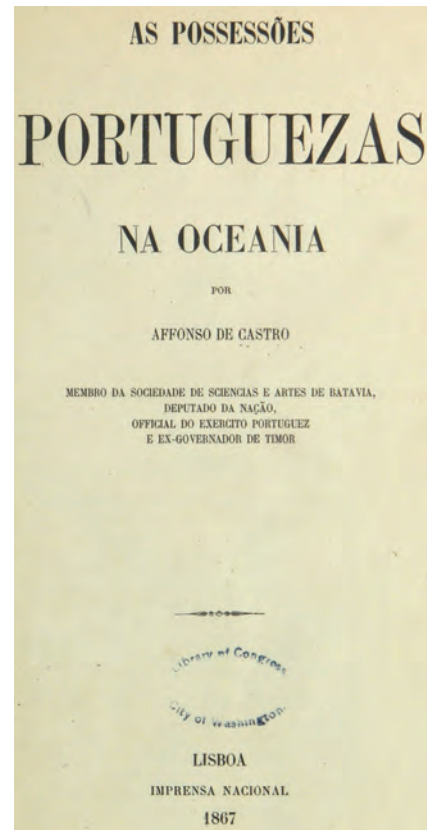
# A historiografia na história de Timor – um quadro geral

**Imagem 1**  
As possessões portuguesas na Oceania (1867), de Affonso de Castro, a primeira monografia portuguesa sobre Timor.

## > Introdução

«De todas as nossas possessões, a menos conhecida é, sem dúvida alguma, a de Timor. Pouco ou nada se há escrito sobre aquela colónia e, se consultarmos os arquivos do Ministério da Marinha, ficaremos na mesma ignorância. Os arquivos de Goa fornecem alguns esclarecimentos, mas ainda assim, a julgar pelo que tenho visto escrito em presença daqueles documentos, parece-me poder dizer que, por entre uma ou outra verdade, se introduziu muita falsidade. Os cronistas não adiantam mais sobre o assunto e, mesclando de milagres suas narrativas, falseiam a história, não podendo, portanto, dar-se fé aos factos por eles narrados.»

É desta forma que começa *As Possessões Portuguesas na Oceânia*, geralmente considerada como a primeira monografia portuguesa de Timor<sup>1</sup>. Foi escrita em outubro de 1864 por Afonso de Castro, imediatamente após ter exercido o cargo de governador do território (1859-1863). O diagnóstico sombrio sobre o estado do conhecimento da história da ilha ajustava-se à situação do território na época: um pedaço remoto e quase desconhecido do império que nunca suscitara um real interesse por parte da administração colonial. O objetivo do autor era elaborar um diagnóstico das realidades timorenses e apresentar várias propostas de intervenção colonial a partir do quadro histórico do território;



tarefa ingrata, como confessa, dadas as insuficiências do conhecimento então existente.

Mais de um século e meio depois da publicação da obra, Timor já não é uma longínqua parcela do império – entretanto desaparecido – e a sua história perdeu o teor misterioso e obscuro que então encerrava. Pelo meio ficou um processo de domínio colonial lento e

## ABSTRACT

### Historiography in the history of Timor – an overview

In Timor, History is more than a mere compilation of dates and facts or curiosities from the past. Since ancient times, the island has been frequented by Chinese and Malay merchants attracted by the value of its main product, white sandalwood. Disputed and divided by the Portuguese and the Dutch, the Island was subjected

to colonial rule from the 19th century onwards. The eastern part, the “Portuguese Timor”, underwent a process of incomplete decolonisation in 1975 and was invaded and occupied by Indonesia, followed in 1999 by a process of marching towards independence. This text presents an overview of the historical studies on the

different stages of the History of Timor, with a special focus on the Portuguese historiography of the colonial period and the two decades that followed the proclamation of independence in 2002.

acidentado, no decorrer do qual era claramente visível o caráter extravagante da ilha em comparação com a extensão das possessões africanas, uma descolonização atribulada e dolorosa, uma ocupação pelo país vizinho e, finalmente, duas décadas de independência. Que balanço historiográfico é possível fazer hoje acerca do conhecimento do seu passado, ao longo de vários séculos?

O que se apresenta nas páginas seguintes é um esboço do quadro da historiografia sobre Timor, em articulação com as principais etapas e momentos da sua História. Incide preferencialmente em obras e estudos sobre o período entre os séculos XVI e XVIII e não tem, naturalmente, pretensões de ser exaustivo. Está necessariamente centrado na parte oriental da ilha (o território que correspondia ao «Timor Português» e, posteriormente, à República Democrática de Timor-Leste) e em obras e autores portugueses. Ficam de fora, com algumas exceções, os trabalhos no âmbito da antropologia, da geografia, dos estudos sociais ou de outras disciplinas, assim como obras sobre o período pós-colonial.<sup>2</sup>

Um bom ponto de partida para este balanço é uma reflexão não acerca do passado mas do presente: apesar de estarem hoje disponíveis várias monografias e «Histórias de Timor» e ser notório o interesse gerado recentemente pelo tema, não foi ainda produzida uma obra global e abrangente, uma «História Geral de Timor» coletiva e coordenada que congregue o trabalho de especialistas nas várias épocas e disciplinas. Terá havido certamente propostas e projetos em gestação, mas nenhum produziu resultados até ao momento. A tentativa mais promissora deu os primeiros passos no ano em que Timor-Leste se tornou independente, sob coordenação de Luís Filipe Thomaz e Artur Teodoro de Matos. Foi, contudo, um esforço efémero que teve o mesmo destino inglório da entidade que lhe deu origem, o Instituto de Estudos Orientais da Universidade Católica Portuguesa, poucos anos depois. Desvanecidos os fantasmas do império e saradas as feridas da ocupação estrangeira, será, talvez, a hora de Timor-Leste assumir este desafio perante a sua própria História, após duas décadas como nação livre e independente.

### > «Todas as ilhas de Java para diante se chamam Timor»<sup>3</sup>

Por volta de 1515, Tomé Pires compilou em Malaca a sua *Suma Oriental*, na qual registou rotas, mercadorias, comunidades, preços e outras informações úteis acerca da complexa vida mercantil do Sueste Asiático. O extenso rosário de ilhas que se estende na direção do Levante (*timur*, em malaio) mereceu-lhe especial atenção, mencionando entre elas a que ficava no extremo, chamada, precisamente, de Timor. Era esta a origem do sândalo branco, um produto com alta valia nos mercados asiáticos. Pela mesma altura, Duarte Barbosa sumariava, a partir da Índia, o essencial: Timor era uma ilha que «tem rei e língua entre si» e onde «nasce muito sândalo branco, que os mouros muito estimam em a Índia e Pérsia»<sup>4</sup>. Este foi, durante muito tempo, o interesse dominante dos portugueses – e, posteriormente, também dos neerlandeses – pela ilha: carregar sândalo, a maior parte das vezes por via da ilha vizinha de Solor, e redistribuí-lo pela Ásia através do grande empório sueste-asiático que era, à época, Malaca.

Os portugueses limitaram-se a reproduzir o que malaios, javaneses, macaçares e chineses praticavam havia séculos. Não possuindo uma tradição marítima, os timorenses dependiam, portanto, dos estrangeiros para os contactos com o mundo exterior. Daqui decorre o interesse das informações acerca da ilha que constam em registos de terceiros. Relatos chineses, crónicas javanesas, roteiros árabes e, a partir do século XVI, fontes portuguesas são, assim, elementos preciosos para a História de Timor. Os portugueses chegaram em 1515 ou 1516 e, pouco depois (entre janeiro e fevereiro de 1522), a ilha foi escala da expedição de Magalhães/Elcano, que nos deixou a primeira descrição europeia dos timorenses.

Ao longo dos dois séculos seguintes, a relação de Timor com o exterior foi moldada por três fatores principais, interligados entre si: o sândalo, a religião católica e a guerra, envolvendo portugueses e neerlandeses mas também macaçares e javaneses, além, naturalmente, de vários poderes políticos da região. A disputa pelas cargas de sândalo cruzava-se com rivalidades e tensões mais

amplas que abrangiam o controlo das rotas mercantis das águas malaio-indonésias e, no que diz respeito à V.O.C. (a poderosa companhia de comércio, com sede em Amsterdão), a imposição de exclusividades e monopólios comerciais. As informações sobre Timor nas fontes portuguesas desta época são fragmentárias, constando essencialmente de menções lacónicas na documentação oficial acerca da «viagem» de Timor (a linha de comércio que ligava a ilha a Malaca) e o capitão que a explorava e, mais tarde, da turbulência que envolvia os núcleos de «portugueses» que resistiam às ofensivas neerlandesas e que procuravam o reconhecimento oficial por parte da Coroa. Existem igualmente algumas descrições sumárias e «relações», assim como referências pontuais em crónicas e relatos. Esta documentação encontra-se dispersa em diversos arquivos, nomeadamente em Lisboa (em especial na Torre do Tombo e no Arquivo Histórico Ultramarino) e em Goa (no Historical Archives of Goa - Panaji, antigo Arquivo Histórico do Estado da Índia) – além, naturalmente, dos arquivos dos Países Baixos, nomeadamente o Nationaal Archief, em Haia –, e alguma encontra-se publicada em coleções documentais.

Na segunda metade do século XVI, os primeiros missionários dominicanos estabeleceram-se em Solor, Timor e Flores, dando origem à formação das primeiras comunidades cristãs na região. O fator religioso, ao contrário do que ocorreu noutras paragens da Ásia, assumiu aqui uma enorme relevância. A religião católica tornou-se um importante fator identitário das comunidades «portuguesas», isto é, de *larantuqueiros* ou topazes que formaram as elites políticas da esfera de influência portuguesa em Timor, nomeadamente em Lifau. As fontes missionárias, sobretudo dominicanas, fornecem alguma informação adicional acerca deste tema. Os exemplos mais importantes são as obras de João dos Santos (*Etiópia Oriental e Vária, História de Cousas Notáveis do Oriente*, Lisboa, 1999) e de Luís de Sousa (*Terceira Parte da História de S. Domingos*, Lisboa, 1767).

Em 1702, a Coroa de Portugal conseguiu finalmente impor aos «portugueses» de Solor e Timor a presença de um governador-geral permanente, após algumas tentativas infrutíferas, colocando parte da ilha sob a

sua suserania. Era um domínio débil e meramente formal, uma vez que o poder dos governadores estava sujeito a permanentes desafios, revoltas e vicissitudes de toda a ordem, a que não era naturalmente alheia a influência dos neerlandeses estabelecidos em Kupang. Em 1769, no rescaldo de uma sucessão de reveses militares e perante a iminência de colapso, o governador decidiu transferir a capital do «Timor Português» para Díli. Ganhava lentamente forma o perfil do que viria a ser, mais tarde, a divisão da ilha entre as duas potências coloniais e, posteriormente, a delimitação do atual Timor-Leste.

Por esta altura, Timor permanecia uma ilha praticamente desconhecida na Europa. As informações disponíveis ao público europeu eram dispersas e superficiais e provinham, sobretudo, das impressões recolhidas por alguns viajantes neerlandeses, britânicos ou franceses que visitaram a ilha, geralmente em relatos de expedições de exploração e reconhecimento da região. Eis os exemplos mais significativos: William Dampier em 1699 (*A Continuation of a Voyage to New Holland*, Londres, 1709), François-Etienne de Rosily em 1772 (publ. por A. Lombard-Jourdan, *Archipel*, nº 23, 1982), Jean-Baptiste Pelon na década de 1770 (*Description de Timor Occidental et des îles sous domination hollandaise*, Paris, 2002), John Splinter Stavorinus, idem (*Voyages to the East Indies*, Londres, 1798), Willem van Hogendorp, um funcionário da V.O.C. que escreveu uma «descrição de Timor» em 1781 (in *Annales des Voyages, de la Géographie et de l'Histoire*, Paris, vol. VI, 1810), William Bligh em 1789 (*A Voyage to the South Sea*, Londres, 1792) ou, já no século XIX, François Péron (*Voyage de Découvertes aux Terres Australes*, Paris, 1807), Jacques Arago (*Promenade autour du monde*, Paris, 1822) ou Louis de Freycinet (*Voyage autour du Monde, entrepris par Ordre du Roi*, Paris, 1828).

### > De «protetorado» a «província ultramarina»

Na viragem para o século XIX, era evidente o caráter arcaico do modelo de presença portuguesa na ilha que fora inaugurado pelo primeiro governador, António Coelho Guerreiro (1702-1705). Tratava-se um sistema



político – que Luís Filipe Thomaz caracterizou como de «protetorado»<sup>5</sup> – assente em pactos cerimoniais de “fidelidade” dos poderes timorenses ao rei de Portugal e ao pagamento de um tributo, designado por *finta*.

Surgiram por essa altura os primeiros projetos de criação de uma economia de plantação, com a introdução do café – em imitação dos resultados obtidos pelos neerlandeses em Java –, da cana-de-açúcar e da mandioca, por vezes acompanhados de propostas de imigração de mão-de-obra chinesa a partir de Macau, e foram ensaiadas as primeiras tentativas de reforma fiscal e administrativa. A estabilização das fronteiras e a resolução dos constantes conflitos que opunham os governadores portugueses às autoridades neerlandesas de Kupang ficaram resolvidas em 1859, quando Portugal e o Reino dos Países Baixos assinaram um tratado de delimitação de fronteiras que dividiu a ilha entre as duas potências coloniais. Contudo, o *status quo* manteve-se, no essencial, até ao final do século e às campanhas militares do governador Celestino da Silva (1894-1908).

Como ficou dito acima, *As Possessões Portuguesas na Oceânia*, de Afonso de Castro, é habitualmente tomada como a primeira monografia de Timor. Houve, contudo, alguns documentos anteriores que ensaiaram um esboço da história da ilha.<sup>6</sup> Um dos mais importantes é o chamado «Documento Sarzedas», na verdade um conjunto de instruções emitidas em 1811 pelo Conde de Sarzedas, vice-rei da Índia, ao governador de Timor, Vitorino Freire da Cunha Gusmão, no qual se descrevem os principais traços e momentos da história da presença portuguesa na ilha. De resto, a produção historiográfica limitava-se a relatórios, pareceres e pequenos artigos, de teor diverso, em periódicos oficiais, nomeadamente nos *Annaes Maritimos e Coloniaes*, no *Arquivo das Colonias*, no *Boletim do Governo do Estado da Índia* ou no *Boletim da Agência Geral das Colónias*, e em revistas como o *Archivo Pittoresco* ou a *Panorama*. Uma das obras mais significativas produzidas nesta época foi *Macau e os seus habitantes/ Relações com Timor*, de Bento da França (Lisboa, 1897), que assinalou as relações históricas entre os dois territórios. Há que assinalar ainda os trabalhos de Frazão de Vasconcelos, já

em época um pouco posterior, nomeadamente «Dois inéditos seiscentistas sobre Timor», nas páginas do *Boletim da Agência Geral das Colónias*, em 1929, e *Timor – Subsídios Históricos* (Lisboa, 1937).

A guerra que deflagrou em 1911-1912 (a chamada «Revolta do Manufahi») e as campanhas militares de «pacificação» deram origem a diversas obras, nomeadamente as de Jaime do Inso, publicadas nos *Anais do Clube Militar Naval* e posteriormente compiladas em volume (*Timor – 1912*, Lisboa, 1939). Há também a assinalar os textos de Teófilo Duarte (governador de Timor entre 1926 e 1928) dedicados a estes eventos e aos projetos de colonização da ilha.

A consolidação do regime do Estado Novo que emergiu em Portugal em 1933 e a afirmação dos seus projetos coloniais propiciaram um ressurgimento de trabalhos e estudos, de âmbito diverso, acerca das diversas parcelas do império. Para o efeito, teve papel relevante a renovação da Agência Geral das Colónias como veículo de promoção e difusão de escritos acerca das temáticas ultramarinas. No caso específico de Timor, foi a invasão japonesa, em 1942, que potenciou o surgimento de vários trabalhos especificamente dedicados à história da ilha, nos moldes em que era entendida na época, isto é, centrada na origem, evolução e mérito da presença «civilizadora» de Portugal e da religião católica. Os eventos da guerra foram objeto de diversos estudos, nomeadamente o de António Oliveira Liberato (*O Caso de Timor: invasões estrangeiras, revoltas indígenas*, Lisboa, s.d.) e o de Carlos Cal Brandão (*Funo: Guerra em Timor*, Porto, 1946). Obra particularmente relevante para o conhecimento dos eventos é a do governador Manuel de Abreu Ferreira de Carvalho (*Relatório dos Acontecimentos de Timor*, Lisboa, 1947). Naturalmente, a ocupação estrangeira constituiu um fator adicional de promoção, historicamente justificada, das ligações entre Portugal e a sua colónia mais remota. Em Timor, como em África na segunda metade do século XIX ou na Índia poucos anos depois, a História foi o derradeiro argumento esgrimido por uma potência colonial incapaz de afirmar as suas pretensões de outra forma.

Foi, portanto, neste contexto que foram produzidos, no decorrer dos anos seguintes, os grandes trabalhos



de síntese sobre a História do «Timor Português»: os de José Martinho (*Timor - Quatro Séculos de Colonização Portuguesa*, Porto, 1943), Gonçalo Pimenta de Castro (*Timor - Subsídios para a sua História*, Lisboa, 1944), Faria de Morais (*Solor e Timor*, Lisboa, 1944) – que já anteriormente publicara a primeira monografia sobre Timor (*Subsídios para a História de Timor*, Bastorá/Goa, 1934) após o trabalho pioneiro de Afonso de Castro – e, sobretudo, as obras de Luna de Oliveira (*Timor na História de Portugal*, Lisboa, 1949) e Humberto Leitão (*Os Portugueses em Solor e Timor de 1515 a 1702*, Lisboa, 1948). Este último viria posteriormente a publicar outros trabalhos sobre a ilha, nomeadamente *Vinte e Oito Anos da História de Timor* (Lisboa, 1952). Há ainda a assinalar o livro de Hélio Esteves Felgas, *Timor Português* (Lisboa, 1956) e, no campo dos estudos antropológicos, o de A. A. Mendes Corrêa, *Timor português: contribuições para o seu estudo antropológico* (Lisboa, 1944).

Foi por esta altura que começou a ganhar proeminência Charles R. Boxer, um ex-militar britânico cujo nome rapidamente se tornou indissociável da historiografia dos impérios ultramarinos europeus, e do português em particular. As suas primeiras incursões na História de Timor remontam à década de 1930, em várias publicações no *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, mas os seus estudos mais significativos são de data posterior, com destaque para *The Topasses of Timor* (Amsterdão, 1947), *Francisco Vieira de Figueiredo: A Portuguese Merchant-Adventurer in South East Asia* (Haia, 1967) e *Fidalgos in the Far East 1550-1770* (Haia, 1968).

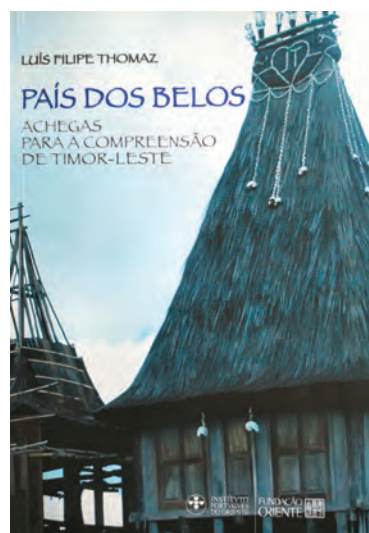
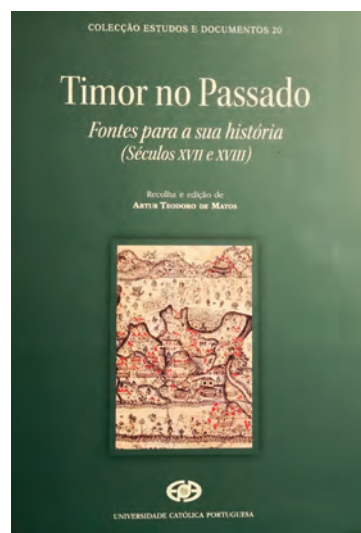
A recusa do Estado Novo em proceder a qualquer forma de descolonização e a promoção ativa das políticas de integração das diversas parcelas do seu império motivaram, entre muitos outros aspetos, uma reforma das instituições científicas em Portugal. Na década de 1950, as colónias passaram oficialmente a «províncias ultramarinas» e a palavra «Ultramar» substituiu praticamente todas as menções a «colónia» ou «colonial» existentes. Neste âmbito, a Agência Geral das Colónias passou a designar-se Agência Geral do Ultramar e, no que respeita aos estudos da História, foram criados a Filmoteca Ultramarina Portuguesa e o Centro de Estudos Históricos Ultramarinos.

O interesse pela História de Timor, como por outras partes do império, incidiu essencialmente sobre a recolha e publicação de fontes arquivísticas, num esforço de heurística assumido por alguns nomes da historiografia colonial portuguesa e cuja utilidade se mantém até à atualidade. Destaca-se o trabalho desenvolvido e coordenado por António da Silva Rego, nomeadamente a publicação do *Boletim da Filmoteca Ultramarina Portuguesa* e de várias coleções documentais, como a *Documentação Ultramarina Portuguesa* (Lisboa, 1960-67), *As Gavetas da Torre do Tombo* (Lisboa, 1960-77) e a *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente* (1947-1958). Uma subcoleção desta última, dedicada à Insulíndia (1954-1988), foi conduzida por Artur Basílio de Sá. A preocupação deste autor com a publicação de fontes históricas de Timor havia já sido anteriormente notada aquando da edição de *A Planta de Cailaco: valioso documento para a História de Timor* (Lisboa, 1949).

Ainda antes da data-charneira (tanto para Portugal como para Timor) de 1974-75, dois historiadores produziram os primeiros contributos relevantes – e cujo trabalho se estende até ao presente – no campo dos estudos históricos sobre a ilha. O primeiro nome é o de Artur Teodoro de Matos e o seu *Timor Português 1515-1769 – Contribuição para a sua História* (Lisboa, 1974), dissertação de licenciatura dotada de com um extenso apêndice documental. Já havia, pouco antes, publicado *Um regimento inédito da alfândega de Timor no ano de 1785* (Lisboa, 1973). Não deixa de ser interessante constatar como, um século depois da obra pioneira de Afonso de Castro, o diagnóstico acerca da historiografia sobre Timor não tenha mudado muito: Timor continuava então a ser «a província mais esquecida e menos conhecida» do império ultramarino português, como refere o autor logo na abertura daquela obra.<sup>7</sup> De entre outros contributos significativos destaca-se ainda a coletânea documental *Timor no Passado – Fontes para a sua História (séculos XVII e XVIII)* (Lisboa, 2015).

O segundo nome é o de Luís Filipe Thomaz, que ocupa um lugar destacado no quadro da historiografia de Timor, tendo produzido, até aos nossos dias, um





**Imagem 2**  
*Timor no Passado – Fontes para a sua história (Séculos XVII e XVIII)* (2015), coletânea documental ed. por Artur Teodoro de Matos.

**Imagem 3**  
*País dos Belos – Acheegas para a Compreensão de Timor-Leste* (2008), coletânea de textos de Luís Filipe Thomaz.

conjunto considerável e diversificado de artigos e ensaios, com temáticas que vão muito além da História e que abrangem a linguística, a política ou a antropologia. Os primeiros textos foram publicados em 1973 e alguns foram recentemente atualizados e reunidos em volume (*País dos Belos – Acheegas para a Compreensão de Timor-Leste*, Macau, 2008). De entre os seus trabalhos de História mais importantes incluem-se ainda os quatro artigos finais da coletânea *De Ceuta a Timor* (Lisboa, 1994), em especial «Relance da História de Timor», e «Timor, o Protectorado Português» (in *História dos Portugueses no Extremo Oriente – 2º volume: Macau e Timor, o Declínio do Império*, Lisboa, 2001).

### > Descolonização, ocupação e independência

Em maio de 1980, a Biblioteca Nacional de Lisboa apresentou uma exposição subordinada ao tema «Timor do século XVI ao século XX», a propósito do IV centenário da morte de Luís de Camões. O seu catálogo integrava centenas de peças, entre livros, periódicos, estampas, fotografias, mapas e moedas. Foi um momento significativo de evocação da História e dos laços que unem Portugal a Timor, menos de cinco anos após os eventos que precipitaram o «Timor Português» num processo de descolonização incompleta, envolvendo uma guerra civil, a proclamação da República Democrática de Timor-Leste e, sobretudo, a traumática invasão indonésia que lhe sucedeu e que se prolongaria até 1999. Nesse mesmo ano, Kevin Sherlock publicava, pela Australian National University, uma extensa compilação de bibliografia sobre Timor; não o «Timor Português» mas a ilha na sua totalidade (*A Bibliography of Timor, including East (formerly Portuguese), West*

(formerly Dutch) *Timor and the Island of Roti*, Canberra, 1980). A leitura política – como quase tudo o que envolvia Timor por estes anos – era inevitável: enquanto em Portugal se davam os primeiros passos na re-evocação de Timor-Leste na memória coletiva nacional, através da revisitação das especificidades da sua história e cultura, do outro lado do mundo era assumida a unidade das duas metades da ilha após um passado colonial distinto. A integração na Indonésia era, assim, aceite por omissão, e o assunto – a ocupação indonésia e a situação ilegal do território à luz do direito internacional – não mereceu qualquer menção por parte do autor ou do prefaciador da obra.

Em Portugal, Timor manteve-se na penumbra durante a década de 1980. Só lentamente foi emergindo um interesse renovado pela sua história, à medida que o que na época se chamava simplesmente de «causa timorense» ganhava espaço na opinião pública. 1991 e o «massacre de Santa Cruz» foi, inegavelmente, um momento de viragem. Ao mesmo tempo que o vocábulo «Timor» perdia a antiga conotação colonial e assumia uma feição cada vez mais atual, nasciam iniciativas de solidariedade e de divulgação e salvaguarda da cultura timorense, entre elas as promovidas pela Fundação Austronésia Borja da Costa (nomeadamente a publicação da revista *Coral*, da qual apenas saíram 3 números).

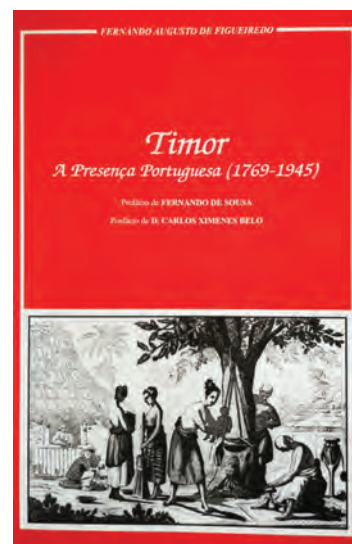
Curiosamente, a situação de Timor na 2.ª Guerra Mundial e a ocupação japonesa parecem ter sido os temas da história timorense que despertaram maior interesse por parte de autores portugueses, por estes anos. Maria da Graça Bretes editou *Timor entre invasões, 1941-1945* (Lisboa, 1989), onde não deixou de mencionar a «questão de Timor» presente, Carlos Bessa e Carlos Vieira da Rocha publicaram, respetivamente,



**Imagem 4**  
Onde nasce o sândalo: Os portugueses em Timor nos séculos XVI e XVII (1995), coletânea de textos dir. por Rui Loureiro (1995).



**Imagem 5**  
História dos Portugueses no Extremo Oriente – 2.º volume: Macau e Timor, o Declínio do Império (2001), obra coletiva dir. por A. H. de Oliveira Marques.



**Imagem 6**  
Timor: A Presença Portuguesa, 1769-1945 (2011), de Fernando Augusto de Figueiredo.

A Libertação de Timor na II Guerra Mundial (Lisboa, 1992) e *Timor: a ocupação japonesa durante a Segunda Guerra Mundial* (Lisboa, 1996), enquanto Carlos Teixeira da Motta se debruçava sobre o papel desempenhado pela diplomacia britânica no conflito (*O caso de Timor na II Guerra Mundial: documentos britânicos*, Lisboa, 1997).

Sobre outras épocas da história timorense, Rui Loureiro coordenou a coletânea *Onde nasce o sândalo: Os portugueses em Timor nos séculos XVI e XVII* (Lisboa, 1995), com colaborações do próprio e de Ruy Cinatti, Artur Teodoro de Matos e Luís Filipe Thomaz. Contudo, o principal trabalho elaborado por esta altura foi a obra coletiva *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, dirigida por A. H. de Oliveira Marques, onde constam importantes artigos de síntese da História de Timor, desde o século XVI ao XX, da autoria de Manuel Lobato, Luís Filipe Thomaz e Fernando Augusto de Figueiredo. O primeiro viria a produzir posteriormente alguns trabalhos significativos, nomeadamente «Luso-Eurasian Influence in Timor (Early Sixteenth to the Mid-nineteenth Century)», no dossier sobre Timor que coordenou no *Journal of Asian History* (48.2, 2014) e que inclui ainda textos de Paulo Jorge de Sousa Pinto, Maria Johanna Schouten e Isabel Boavida. Quanto a F. A. Figueiredo, publicou mais tarde – a partir da sua dissertação de doutoramento – a mais completa monografia da história colonial de Timor entre os séculos XVIII e XX (*Timor: A Presença Portuguesa, 1769-1945*, Lisboa, 2011), eventualmente complementada com um outro trabalho dedicado ao período subsequente (*Timor-Leste: a presença portuguesa desde a reocupação à invasão indonésia*, Lisboa, 2018).

O passado de Timor, quer na sua componente «colonial», quer no contexto regional do Sueste Asiático,

suscitou um crescente interesse por parte da historiografia internacional. Alguns exemplos são Roderich Ptak (sobre Timor nas fontes e nas redes mercantis chinesas), John Villiers (sobre o comércio do sândalo), Leonard Andaya (acerca dos topazes de Timor), R. H. Barnes (sobre Timor no contexto da Indonésia Oriental) ou Anne Lombard-Jourdan (sobre Timor nos relatos de viagens europeus). Estudo indispensável sobre uma época muito lacunar, com informação abundante, notas e dados estatísticos, ainda que muito focado na subtemática das «revoltas» é *Timor en guerre - le crocodile et les portugais (1847-1913)*, de René Pelissier (Orgeval, 1996), que só foi traduzido em língua portuguesa mais de vinte anos depois (*Timor em Guerra: a conquista portuguesa (1847-1913)*, Lisboa, 2007). Por fim, há que dar a devida ressalva aos trabalhos históricos de Geoffrey C. Gunn, enquadrados na crescente onda de solidariedade internacional que a «questão de Timor» suscitava e que se materializava num conjunto diverso de trabalhos jornalísticos e sobre Direitos Humanos e Direito Internacional. A sua obra mais importante é uma história geral de Timor-Leste, chamada de *Timor Loro Sae: 500 Years* (Macau, 1999, revista na edição Kindle de 2019). Outro contributo importante e mais recente deste autor é um *Historical Dictionary of East Timor* (Plymouth, 2011) e, ainda, *Portuguese (East) Timor in the Magic Documents (1942-1945)* (ed. Kindle, 2021).

## > No século XXI

Os desenvolvimentos dramáticos em Timor-Leste na viragem do século reforçaram o interesse, em Portugal, pela história e cultura timorenses. Foi um dos efeitos do envolvimento da sociedade portuguesa no processo

de transição para a independência e de criação do novo estado, completando e encerrando o processo de descolonização pendente desde 1975. Multiplicaram-se as iniciativas de evocação, celebração e reflexão sobre a identidade timorense e as diversas facetas da cultura do seu povo, assim como as perspectivas de cooperação com Portugal e o estatuto da língua portuguesa. Em 2001, a revista *Camões – Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, do Instituto Camões, lançava um número especial (nº 14) chamado «Timor Lorosa'e» e dedicado a este tema, com colaborações de Luís Filipe Thomaz, Artur Teodoro de Matos, Geoffrey Gunn, Rui Loureiro e José Mattoso, entre outros. Idêntica iniciativa teve, nesse mesmo ano, o Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), da Universidade Católica Portuguesa, na sua publicação *Povos e Culturas*, com um número (o nº 7) subordinado a «Timor Hoje» e publicado com o patrocínio do Comissariado para o Apoio à Transição de Timor-Leste. De entre os textos incluídos contam-se um «Catálogo da Série Timor do Conselho Ultramarino», da autoria de Maria Luísa Abrantes, José Sintra Martinheira, Miguel Rui Infante e Maria Antónia Alves Caria, e um «Subsídio para a Bibliografia de Timor Loro Sa'e», por Carlos Filipe Ximenes Belo. Pouco depois, a Fundação Oriente reeditou, em fac-símile, a obra clássica de Luna de Oliveira, de 1949, acrescida do 4.º volume deixado inédito pelo autor (*Timor na História de Portugal*, Lisboa, 2004).

Foi igualmente por esta altura que emergiram novos nomes na historiografia dedicada a Timor. O de Maria Johanna Schouten foi um deles, no campo da antropologia e da história do século XIX. «Novas Perspectivas sobre a História de Timor-Leste» (*Domus*, 2000), «Antropologia e colonialismo em Timor português» (*Lusotopie*, 2001) e «Nineteenth-Century Ethnography in West Timor and the Wider World: The Case of J. G. F. Riedel» (*Journal of Asian History*, 48.2, 2014) são alguns dos trabalhos publicados. Na mesma área trabalha Ricardo Roque, com um extensa produção de artigos e textos; destacam-se a organização do dossier «Timor Etnográfico: antropologia e arquivo colonial» no *Anuário Antropológico* (42, 2, 2017), a coordenação, em parceria com Elizabeth G. Traube, do volume *Crossing*

*histories and ethnographies: following colonial historicities in Timor-Leste* (Nova Iorque, 2019) e a base de dados bibliográfica *History and Anthropology of 'Portuguese Timor', 1850-1975 – A Bibliography* (em linha em <http://www.historyanthropologytimor.org/>).

No âmbito dos estudos de história político-diplomática, foram publicados vários trabalhos relevantes, entre os quais se podem nomear uma súpula dos eventos da segunda metade do século XX, por Fernando Lima (*Timor – Da Guerra do Pacífico à Desanexação*, Macau, 2002), um estudo sobre a ocupação de Timor pelo Japão, da autoria de Flávio Borda d'Água (*Le Timor Oriental face à la Seconde Guerre Mondiale (1941-1945)*, Lisboa, 2007) ou o estudo circunstanciado da invasão japonesa da ilha, por António Monteiro Cardoso (*Timor na 2.ª Guerra Mundial – o Diário do Tenente Pires*, Lisboa, 2007). Para períodos mais próximos da atualidade, há a destacar os recentes trabalhos de Moisés Silva Fernandes, assim como o volume coordenado por Rui da Graça Feijó, *Timor-Leste: Colonialismo, Descolonização, Lusotopia* (Porto, 2016), que reúne um conjunto importante de contributos. Merece igualmente menção *Ensaio sobre nacionalismos em Timor-Leste* (Lisboa, 2005), editado por Armando Marques Guedes e Nuno Canas Mendes.

Em 2015, assinalaram-se 500 anos da data tradicionalmente considerada como da chegada dos portugueses a Timor. A efeméride passou relativamente despercebida em Portugal, mas não deixou de ser assinalada em diversas publicações. Uma delas foi um número especial (nº 19) da revista do CEPCEP, *Povos e Culturas*, dedicado a Timor, à semelhança do que ocorrera em 2001, como ficou assinalado acima. Teve como título «Timor-Leste e Portugal: Cinco Centúrias de Relacionamento» e contou com um extenso número de textos, destacando-se, de entre os dedicados à História, os da autoria de Manuel Lobato, Carlos Filipe Ximenes Belo, Luís Filipe Thomaz e Rui Loureiro. Dois anos mais tarde, a Academia de Marinha compilou um conjunto de conferências destinadas a assinalar a data, sob o nome de *Timor – Comemorações da chegada dos portugueses em 1515* (Lisboa, 2017).

Em Timor-Leste, pelo contrário, a efeméride foi evocada – em conjunto com a dos 40 anos da proclamação



**Imagem 7**  
*Tinan 500 – Portugal-Timor* (2015), exposição coord. por Alfredo Caldeira e texto de Paulo Jorge de Sousa Pinto.



**Imagem 8**  
*História da Igreja em Timor-Leste – 450 Anos de Evangelização (1562-2012) – 2º volume: 1940-2012*, (2016) de Carlos Filipe Ximenes Belo.



da independência – com celebrações oficiais. Foi um momento de aprofundamento da parceria existente entre a Fundação Mário Soares e o Arquivo e Museu da Resistência Timorense, que vinha permitindo, desde há vários anos, a preservação, digitalização e disponibilização de materiais da resistência timorense (na plataforma online <http://casacomum.org>). Em 2015, foi lançado o volume/catálogo de exposição *Tinan 500 Portugal-Timor*, em edição trilingue (português/inglês/tétum), com um extenso texto sobre a História de Timor da autoria de Paulo Jorge de Sousa Pinto.

A história religiosa e eclesial de Timor que, durante muito tempo, havia sido o foco fundamental dos estudos históricos sobre o território, nomeadamente durante a vigência do Estado Novo, esteve na penumbra durante várias décadas, não suscitando interesse por parte dos historiadores. Foi, contudo, reabilitada recentemente graças aos trabalhos de Carlos Filipe Ximenes Belo, ex-bispo de Díli e Prémio Nobel da Paz em 1996: *História da Igreja em Timor-Leste – 450 Anos de Evangelização (1562-2012)* (Porto, 2013-2016) e *Missionários da Índia Portuguesa (Goa) em Timor-Leste* (Lisboa, 2020). Este autor fez ainda uma incursão na história dos reinos de Timor, em *Os antigos reinos de Timor-Leste: Reis de Lorosay e Reis de Lorothoba, Coronéis e Dados* (Porto, 2012).

Sinal inequívoco da renovação dos estudos históricos sobre Timor é o número de dissertações de mestrado e doutoramento defendidas em universidades portuguesas no decorrer das últimas duas décadas, de âmbito diverso e incidindo sobre temáticas e épocas distintas. Eis uma amostra significativa de autores, além de F. A. Figueiredo, já mencionado acima: Margarida Luísa Coutinho Mendes, *D. Frei Manuel de Santo António, primeiro bispo de Malaca residente*

*em Timor* (Universidade Nova de Lisboa, 2008; publ. como *Ascensão e Queda de um Bispo: D. Frei Manuel de Santo António, primeiro bispo de Malaca residente em Timor*, Barcelona, 2013); Maria Alice Marques Viola, *Presença histórica «portuguesa» em Larantuka (séculos XVI e XVII) e suas implicações na contemporaneidade* (Universidade Nova de Lisboa, 2013); Madalena Ceppas Salvação Barreto, *Timor do século XX: deportação, colonialismo e interações culturais* (Universidade Nova de Lisboa, 2015) e José Augusto Vilas Boas Tavares, *O Império Português na Insulíndia. A Governação de Timor no século XVIII. Lifau (1702-1769)* (Universidade Nova de Lisboa, 2017; publ. em 2019).

O ressurgimento do interesse pela História de Timor no decorrer das últimas décadas não se circunscreveu, naturalmente, a Portugal. O mesmo pode ser constatado no quadro geral da historiografia internacional. Alguns autores e trabalhos merecem destaque especial. O primeiro, apesar das suas insuficiências no campo da história cultural, é o estudo de Monika Schlicher sobre o colonialismo português na segunda metade do século XIX, *Portugal in Ost-Timor: eine kritische Untersuchung zur portugiesischen Kolonialgeschichte in Ost-Timor, 1850 bis 1912* (Hamburgo, 1996). Pouco depois, e em resultado de uma dissertação de doutoramento na Universidade de Leiden, foi publicado *De jacht op sandelhout - De VOC en de tweedeling van Timor in de zeventiende eeuw* (Zutphen, 2002), por Arend De Roever. Infelizmente, e apesar da sua importância para o estudo da produção e comércio do sândalo de Timor, não conheceu até ao momento uma edição em língua inglesa. Um dos historiadores cujo trabalho se revelou fundamental para um melhor conhecimento e compreensão de Timor nos séculos XVII e XVIII é Hans

Hägerdal, nomeadamente o seu «White and Dark Stranger Kings: Kupang in the Early Colonial Era» (*Moussons*, 12, 2008) e, sobretudo, *Lords of the land, lords of the sea: conflict and adaptation in early colonial Timor, 1600-1800* (Leiden, 2012).

Merece igualmente menção a obra de Douglas Kammen, *Three Centuries of Conflict in East Timor* (New Brunswick, 2015), apesar de não se tratar de um estudo geral sobre Timor-Leste mas sim de um ensaio de micro-história centrado no reino e região de Maubara. É também necessário conceder o devido destaque aos trabalhos de Frédéric Durand, nomeadamente *Catholicisme et protestantisme dans l'île de Timor, 1556-2003: construction d'une identité chrétienne et engagement politique contemporain* (Toulouse, 2004) e *Timor 1250-2005: 750 ans de cartographie et de voyages* (Toulouse, 2006). A sua síntese global da História de Timor (*42 000 ans d'histoire de Timor-Est*, Toulouse, 2009), com mapas e auxiliares visuais, é muito útil como obra de divulgação e está igualmente publicado em língua inglesa e em edição bilingue português-tétum (*História de Timor-Leste - da pré-História à actualidade*, Porto, 2010).

Uma vez mais, o período mais recente da história timorense, a área dos estudos sociais e os desafios que se colocam à atual sociedade timorense são os temas que suscitam maior interesse. Assinale-se, a este propósito, a TLSA - Timor-Leste Studies Association ([www.tlstudies.org](http://www.tlstudies.org)) e as atividades que tem vindo a desenvolver desde a sua formação em 2005, promovendo o encontro e o debate entre investigadores de todo o mundo. É ainda de ressaltar (e saudar) o crescente interesse que Timor e a sua História suscitam no meio académico brasileiro. Pela sua capacidade de refletir criticamente acerca da história e memória de Timor, justifica-se a referência a Daniel de Lucca e ao seu *A Timorização do Passado: nação, imaginação e produção da história em Timor-Leste* (Salvador, 2021). Por fim, há que deixar uma nota de referência, ainda que breve, ao trabalho realizado e em curso na Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), nomeadamente a produção da revista científica *Veritas*, com a produção de investigação no campo das Humanidades e em prol do conhecimento e desenvolvimento científico de Timor-Leste.

#### NOTA BIOGRÁFICA

Investigador Integrado do CHAM, coordenador da linha temática «Ásia: Povos, Poderes, Intercâmbios». Doutorando contratado da NOVA FCSH, onde leciona na licenciatura em História e no mestrado em História do Império Português. Autor de *The Portuguese and the Straits of Melaka, 1575-1619: Power, Trade and Diplomacy*. Singapura: National University of Singapore Press, 2012 e de *Tinan 500 Portugal-Timor*, Díli: Resistência Timorense - Arquivo e Museu/ Fundação Mário Soares, 2015.

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da Norma Transitória – DL 57/2016/CP1453/CT0016.

#### NOTAS

- 1 Afonso de Castro, *As Possessões Portuguezas na Oceania* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1867), v.
- 2 O autor agradece ao *peer reviewer* as sugestões que permitiram colmatar algumas lacunas fragrantas de que padecia a versão inicial deste texto.
- 3 Tomé Pires, *Suma Oriental* (Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau, 2017), 220.
- 4 Duarte Barbosa, *Livro no que viu e ouviu no Oriente...* (Lisboa: Publicações Alfa, 1989), 151.
- 5 Luís Filipe Thomaz, «Timor: o protectorado português» in *História dos Portugueses no Extremo Oriente – 2º volume: Macau e Timor – o declínio do império*, dir. A. H. de Oliveira Marques (Lisboa: Fundação Oriente, 2001), 493-526.
- 6 Publicado em, entre outras obras, Castro, *As Possessões*, 185-220.
- 7 Artur Teodoro de Matos, *Timor Português 1515-1769 – Contribuição para a sua História* (Lisboa: Faculdade de Letras, 1974), 11.

#### BIBLIOGRAFIA

- BELO, Carlos Filipe Ximenes. *História da Igreja em Timor-Leste – 450 Anos de Evangelização (1562-2012)*. 2 vols. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2013-2016.
- FIGUEIREDO, Fernando Augusto de. *Timor. A Presença Portuguesa (1769-1945)*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos, 2011.
- GUNN, Geoffrey C. *Timor Loro Sae: 500 Years*. Macau: Livros do Oriente, 1999.
- HÄGERDAL, Hans. *Lords of the Land, Lords of the Sea – Conflict and Adaptation in Early Colonial Timor, 1600-1800*. Leiden: KITLV Press, 2012. [disponível em <https://brill.com/downloadpdf/title/23413>]
- LEITÃO, Humberto. *Os Portugueses em Solor e Timor de 1515 a 1702*. Lisboa, 1948.
- MARQUES, A. H. de Oliveira (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*. 4 vols. Lisboa: Fundação Oriente; 1998-2003.
- MATOS, Artur Teodoro de. *Timor Português, 1515-1769 – Contribuição para a sua História*. Lisboa: Faculdade de Letras, 1974.
- OLIVEIRA, Luna de. *Timor na História de Portugal*. 4 vols. Lisboa: Fundação Oriente, 2004.
- THOMAZ, Luís Filipe F. R. «Relance da História de Timor» in *De Ceuta a Timor*. Lisboa: Difel, 1994.
- Tinan 500 Portugal-Timor*. Díli: Resistência Timorense – Arquivo e Museu /Fundação Mário Soares, 2015 [disponível em [http://casacomum.org/cc/img/destaques/2016/109/catalogo\\_500anos\\_web\\_c\\_capa.pdf](http://casacomum.org/cc/img/destaques/2016/109/catalogo_500anos_web_c_capa.pdf)]